



*a*siatona

DEZEMBRO DE 1963

a liahona

VOL. XVII — N° 12

DEZEMBRO DE 1963

Órgão Oficial das Missões Brasileiras do Templo de Jesus Cristo dos Santos dos Últimos Dias

EDITORIAL

No Natal, *Pres. David O. McKay* 4

DE INTERESSE GERAL

Josué, meu irmão, *S. Dilworth Young* 12

A vida de Jesus em fotos 15

A voz de amor, *Sterling W. Sill* 28

SEÇÕES ESPECIAIS

Jóias do pensamento, *Pres. George Albert Smith* 3

A Igreja no mundo 3

Jesus, o Cristo, *James E. Talmage* 6

JUVENTUDE DA PROMESSA 22

Sacerdócio nas missões 26

Suplemento da lição para os mestres visitantes do ramo 31

REDAÇÃO

Editores: Finn B. Paulsen e Wayne M. Beck

Redatora: Diva Ferreira

Circulação: Irineu Petry, Maria Tereza Covacs

PREÇOS:

Registrado sob o N° 93 do Livro B, N° 1 e Matrículas de Oficinas Impressoras Jornais e Periódicos, conforme Decreto N° 4.857, de 9-11-1930.

<i>Exterior:</i> Ano	US\$ 3,50
<i>No Brasil:</i> Ano	Cr\$ 250,00
<i>Exemplar:</i>	Cr\$ 25,00

Missão Brasileira

Rua Henrique Monteiro, 215 --
Pinheiros — C. P. 862 — S. Paulo
— S. P. — Fone: 80-4638.

Missão Brasileira do Sul

Rua Gen. Carneiro, 490 — Caixa
Postal 778 — Curitiba, Paraná —
Fone: 4-8016

JESUS DE NAZARÉ — IDEAL DE TODAS AS ÉPOCAS

Extraído de um artigo do Presidente George Albert Smith, Millennial Star, vol. 81, p. 817.



“Glória a Deus nas alturas e paz na terra aos homens de boa vontade.” Portanto, os exércitos do céu regozijaram quando o Salvador nasceu e novas de grande alegria foram proclamadas a todos. Uma nova estrela apareceu e iniciou-se uma nova dispensação. Imediatamente Satanás, não conformado, procurou com tôdas as suas forças, através de Herodes, destruir o nôvo Rei; mas o menino estava salvaguardado pelo poder divino.

Completando a preparação de Sua obra de vida, sendo batizado por João, investido pelo Espírito Santo e aclamado por Seu Pai Celestial como “Meu Filho Amado”, iniciou Seu ministério, escolhendo Seus apóstolos. Ensinou-lhes o evangelho de vida eterna, conferido por autoridade divina e organizou Sua Igreja. Ele curou os doentes, levantou os mortos e realizou muitos milagres. Terminou a obra que veio realizar na terra. Deu Sua vida por tôda a humanidade e expiou pela transgressão cometida por nossos primeiros pais. Sobrepujou a morte e foi, por isso, as primícias da ressurreição.

Foi exaltado a um trono eterno ao lado de Seu Pai; possuindo todos os poderes do céu e da terra, admoestou a todos os homens que O seguissem, prometendo a vida eterna e felicidade a todos aqueles que observassem com fidelidade os requisitos contidos no Evangelho.

Revelando-Se novamente nestes últimos dias, estabeleceu Sua Igreja e comissionou Seus servos a preparar o caminho de Sua segunda vinda, clamando até os confins da terra: “Arrependei-vos, arrependei-vos, porque é chegado o reino dos céus.” Isto não é um mito. É uma verdade divina. Para disseminá-la, os élderes da Igreja de Jesus Cristo dos Santos dos Últimos Dias estão dedicando suas vidas.

Agradecemos pelo que Ele fez e alegremente honramos Seu dia de nascimento. Relembrando Sua oferta e a angústia terrível que sofreu, santificamos e reverenciamos Seu santo nome.

DESCOBERTAS COMPROVAM O LIVRO DE MÓRMON

Recentes descobertas de antigüidades em terras do Livro de Mórmon nos continentes Sul e Norte-americanos estão, mais uma vez, dando provas da veracidade dos registros das placas de ouro entregues pelo anjo Moroni a Joseph Smith, no Monte Cumorah, em 1827.

Na ocasião em que o profeta começou a sua inspirada tradução dessas placas com a ajuda de Martin Harris e Oliver Cowdery, pouco se conhecia a respeito das antigas civilizações das Américas.

Atualmente, muitos objetos pertencentes àqueles povos podem ser encontrados em vários museus e coleções particulares em diversas localidades.

Entre os colecionadores dessas antigüidades encontra-se o Elder Howard W. Hunter, do Primeiro Conselho dos Setentas da Igreja de Jesus Cristo dos Santos dos Últimos Dias, o qual tem feito várias visitas a essas regiões, a fim de estudar mais sôbre a história dos povos que anteriormente as dominavam e de cujas civilizações muito se tem ouvido nestes últimos anos. Com estas visitas êle tem conseguido aumentar sua coleção de antigüidades.

Placas de ouro finíssimas encontradas pelos arqueólogos evidenciam o conhecimento que tinham os antigos habitantes das Américas de lidar com “preciosidades” e indicam sua habilidade em transformá-las em utensílios. Isto pode servir de referência para provar o que conta o Livro de Mórmon sôbre o ouro encontrado na “terra prometida” e como o povo de Lehi foi ensinado a trabalhá-lo. Conta também que lutavam por sua posse. Segundo nos diz o Registro era usado como tributo e também para fazer moedas.

Elder Hunter comenta ainda a respeito do significado dos homens barbados, ou Deuses, entalhados nas antigas urnas, dizendo que os índios ou lamanitas não usam barba comprida, talvez, menciona o Elder Hunter, tenham tido intenção de fazer uma representação de Jesus Cristo, após sua aparição como ser ressuscitado.

Diz Elder Hunter que os arqueólogos ainda continuam encontrando objetos e entalhes que confirmam a veracidade do Livro de Mórmon e também que muitas outras provas serão encontradas com o passar dos anos e com o esforço dos estudiosos, as quais serão um testemunho de Joseph Smith e, principalmente, do Senhor Jesus Cristo, Seus ensinamentos e Sua ressurreição.

NO NATAL...

PRESIDENTE DAVID O. MCKAY

Em todos os domínios cristãos, o Natal tem sido cada vez mais aceito e celebrado. Há alguma coisa intrínseca nêle que motiva a todos, desde à criança até ao velho filósofo, que caminha pelo crepúsculo da vida. É a época do ano em que o egoísmo é subordinado, o desejo de obter é suplantado pela delicadeza, perdão, amor. Estas virtudes estão entre as mais simples que fazem dela uma delícia.

Em minha juventude de fazendeiro, sonhava que estava visitando Belém, especialmente ao ver a mangedoura de nossos animais com feno fresco e limpo, na ocasião do Natal. Esse sonho foi revivido quando, há quarenta e dois anos atrás, no mês de novembro, o Irmão Hugh J. Cannon, um dos ex-editores da *The Improvement Era*, e eu andamos de carro pelos mesmos montes que Maria e José atravessaram naquela noite em que esperavam encontrar estalagem. Entretanto, “porque não havia lugar para êles...” (Lucas 2:7.) tiveram de ir não para um estábulo como pensamos, mas para uma gruta onde havia gado e onde seus guardadores permaneciam durante a noite.

Em 1921 deixamos os portões de Jerusalém à tardinha e andamos cêrca de oito quilômetros de Jerusalém a Belém. Acabamos de sair do túmulo de Raquel, do lado da estrada, com tôdas as lembranças históricas de sua caminhada, na ocasião em que deu à luz a seu segundo filho Benjamim, quando vimos um rebanho. O motorista acendeu os faróis e as ovelhas começaram a correr, seguindo o homem que ia na frente para sair da estrada. Êle não as guiou. Simplesmente saiu da estrada e elas o acompanharam. Ao passarmos por êle vimos que as ovelhas rodeavam seu pastor, comendo algo de sua mão, talvez um tablete de açúcar, da mesma maneira como fazemos agora com nossos cavalos, quando êles se aproximam de nós.

Naquele momento lembramo-nos das palavras do Salvador há centenas de anos atrás: “As minhas ovelhas ouvem a minha voz... mas de modo algum seguirão um estranho...” (João 10:27, 5.) As ovelhas estavam ao redor de seu guardador e sabiam que estavam a salvo, enquanto permanecessem perto dêle. Depois de passarmos, elas voltaram para a estrada. Continuando a viagem até Belém, imaginamos José e Maria passando por ali há dezenove séculos atrás. Êste é o quadro como vimos em nossa mente:

A cidade estava escura. O sol já se havia escondido atrás das nuvens. José estava exausto e Maria mais cansada ainda, quando bateram à porta da estalagem, para ouvir como resposta: “Não há lugar”. O estalajadeiro deve

ter dito que seria melhor se fôsem à cidade, onde estava o gado. Lá haveria lugar junto aos que guardam jumentos.

Naquela noite nasceu o menino e havia pastores no campo. Quando se vai de Jerusalém para Belém vê-se vários pastores, mas, provavelmente, não na estação que o mundo chama de Natal, porque nesta ocasião do ano estão guardando seus rebanhos. Porém, isso não importa. O que nos interessa é o acontecimento.

Os pastores velam suas ovelhas durante a noite.

“E eis que o anjo do Senhor veio sobre eles e a glória do Senhor os cercou de resplendor e tiveram grande temor. E o anjo lhes disse: Não temais, porque eis aqui vos trago novas de grande alegria, que será para todo o povo, pois na cidade de Davi, nos nasceu hoje o Salvador, que é Cristo, o Senhor.” (Lucas 2:8-11.)

Aquêlê anúncio do primeiro Natal é a história mais doce que já se contou — e a mais doce por causa dos princípios eternos nela enunciados — “as novas de grande alegria” deveriam ser ouvidas por “todo o povo”. (Ibid. 2:10.) A luz do mundo deveria brilhar em cada coração.

Os humildes pastores informados pela revelação “encontraram Maria, José e o menino, deitados numa mangedoura.” (Ibid. 10.) Sábios do leste foram guiados até êle pelo conhecimento. Quando depois de quarenta dias Maria, de acôrdo com a Lei Mosaica (Levit. 12:1-8.) tomou seu filho e levou ao templo, Simão reconheceu o menino como “. . .o Cristo Senhor”. (Lucas 2:26; Talmage, Jesus, o Cristo, cap. 8.)

Portanto, foi mostrado que mesmo no primeiro Natal todo o povo — os humildes, os sábios, os ricos, os grandes — que sinceramente procuravam o Cristo, encontraram-no e tornaram-se um na irmandade divina. Tôdas as barreiras foram sobrepujadas na presença do Cristo.

Desde aquêlê tempo todos os eventos da história foram datados pelo acontecimento do estábulo: “A.C.”, antes de Cristo — tudo que aconteceu antes dêle, e “D.C.”, depois de Cristo — tudo que aconteceu depois de seu nascimento.

O verdadeiro espírito do Natal é o Espírito de Cristo. Irrradiado através dos séculos chega até nós o anúncio do nascimento do Menino de Belém:

“Glória a Deus nas alturas, paz na terra, boa vontade para com os homens.” (Lucas 2:14.)

No Natal devem ser renovados nossos desejos e fortalecida nossa determinação de fazer tudo que está a nosso alcance para que a mensagem dos anjos seja real. Glorifiquemos a Deus buscando a verdade, o bem, a beleza; lutemos para estabelecer a paz na terra treinando a mesma boa vontade um para com os outros como Deus nos tem mostrado.

Êle viveu por nós, para que também vivêssemos. Veio para nos dar vida eterna. Aceitemos sua dádiva com gratidão.

Jesus é o Príncipe da Paz, mas não trará essa paz ao mundo de maneira mágica. Como sempre fêz, concede-la-á apenas de acôrdo com a lei sôbre a qual, como as bênçãos, está fundada. O ódio gera o ódio; o amor traz o amor; a delicadeza convida a delicadeza, e a delicadeza e o amor formam a paz. Quando a humanidade aprender esta simples lição, a paz virá para todos como um resultado natural.

O Natal é sempre para a família — e Sister McKay, une-se a mim e minha família ao enviar-lhes as mais calorosas saudações nesta época a cada um de vocês e seus familiares.

JESUS, O CRISTO

por JAMES E. TALMAGE

CAPÍTULO V

Predito o advento terreno de Cristo

A vinda de Cristo à terra para habitar um tabernáculo de carne não era um evento inesperado ou não registrado. Durante séculos antes da ocorrência os judeus haviam professado que esperavam pelo advento de seu Rei; e, nas cerimônias de culto como em cerimônias privadas, a vinda do Messias prometido era assunto de súplica de Israel a Jeová. Na verdade, havia diversidade nas opiniões e na exposição dos rabinos quanto ao tempo e maneira de Sua aparição; mas a certeza estava fundamentalmente estabelecida nas crenças e esperanças da nação hebraica.

Os registros conhecidos por nós como livros do Velho Testamento, junto com outros escritos, que foram considerados autênticos, mas excluídos em compilação posterior como não estritamente canônicos, eram comuns entre os hebreus antes e mesmo no tempo do nascimento de Cristo. Essas escrituras começam com a proclamação da lei de Moisés,^a que escreveu e deixou o escrito sob custódia oficial dos sacerdotes com ordem expressa de que fôssem lidos nas assembleias do povo convocadas pelo estado. A estes antigos escritos foram adicionadas afirmações de profetas divinamente comissionados, registros de historiadores citados e canções de poetas inspirados, com o passar dos séculos; de forma que, no tempo do ministério do Senhor, os judeus possuíam grande quantidade dos escritos aceitos e considerados por eles como autoridade.^b Esses registros são ricos em predição e promessa a respeito do advento terreno do Messias como outras escrituras a que não teve acesso a Israel antiga.

Adão, o patriarca da raça, regozijou com a certeza da indicação do ministério do Salvador, através de cuja aceitação, ele, o transgressor, ganharia redenção. Uma breve menção do plano de salvação, cujo autor é Jesus Cristo, aparece na promessa feita por Deus após a queda — que ainda que o demônio, representado no Éden pela serpente, tivesse poder para ferir a posteridade

de Adão, pela semente da mulher, viria o poder para esmagar a cabeça do adversário.^c É significativo que esta certeza da eventual vitória sobre o pecado e seu inevitável efeito, a morte, ambas introduzidas na terra através de Satanás, o grande inimigo da humanidade, deveriam ser entendidas por toda geração da mulher; a promessa não foi feita especialmente ao homem, nem ao casal. O único exemplo de fruto da mulher dissociado da paternidade mortal é o nascimento de Jesus, o Cristo, que era filho terreno de mãe mortal, gerado por Pai imortal. Ele é o Unigênito do Pai Eterno na carne e nasceu de mulher.

Através de escrituras que não as incorporadas no Velho Testamento, aprendemos com maior plenitude sobre as revelações de Deus a Adão a respeito da vinda do Redentor. Como resultado natural e inevitável de sua desobediência, Adão perdeu o privilégio que uma vez gozou — o de possuir associação direta e pessoal com seu Deus; não obstante tenha sido visitado em seu estado de queda por um anjo do Senhor, que revelou-lhe o plano de redenção: “E após muitos dias, um anjo do Senhor apareceu a Adão, dizendo: Por que ofereces sacrifícios ao Senhor? E Adão respondeu: Não sei; exceto que o Senhor me mandou. Então o anjo falou, dizendo: Isto é à semelhança do sacrifício do Unigênito do Pai, cheio de graça e verdade. Portanto, farás tudo o que fazes em nome do Filho; e te arrependerás e invocarás a Deus em nome do Filho para todo o sempre. E naquele dia desceu sobre Adão o Espírito Santo, que dá testemunho do Pai e do Filho, dizendo: Sou o Unigênito do Pai desde o princípio, agora e para todo o sempre, para que assim como caíste possas ser redimido, e também toda a humanidade, e todos aqueles que quiserem.”^d

A revelação do Senhor a Adão dando a conhecer o plano de que o Filho de Deus deveria nascer na carne no meridiano dos tempos, e se

a. Deut. 31:9, 24-26; compare com 17:18-20.

b. Regras de Fé, xiii: 7-10.

c. Gen. 3:15; compare também com Heb. 2:14; Apoc. 12:9; 20:3.

tornar o Redentor do mundo, era atestada por Enoque, filho de Jared e pai de Matusalém. Das palavras de Enoque ficamos sabendo que para êle, como para seu grande progenitor, Adão, o nome pelo qual o Salvador seria conhecido entre os homens foi revelado — “que é Jesus Cristo, o único nome que se dará debaixo do céu, mediante o qual virá a salvação aos filhos dos homens.”^d O convênio feito por Deus com Abraão e a reiteiração e confirmação a Isaque e depois a Jacó — que através de sua posteridade tôdas as nações da terra seriam abençoadas — pressagiou o nascimento do Redentor através dessa linhagem escolhida.^e Seu cumprimento é a herança abençoada de tôdas as épocas.

Ao pronunciar sua bênção patriarcal sôbre a cabeça de Judá, Jacó profetizou: “O cetro não se arredará de Judá, nem o legislador dentre seus pês, até que venha Siló; e a êle se congregarão os povos.”^f O cumprimento das condições estabelecidas na predição, quanto ao estado da nação judaica na ocasião do nascimento do Senhor, evidencia que Siló quer dizer Cristo.^h

Moisés proclamou a vinda de um grande Profeta a Israel, cujo ministério deveria ter tal importância que todos os homens que não O aceitassem estariam sob condenação; e escrituras posteriores mostram conclusivamente que esta predição se referia a Jesus Cristo. Portanto, falou o Senhor a Moisés: “Eis lhes suscitarei um profeta do meio de seus irmãos, como tu; e porei as minhas palavras na sua bôca, e êle lhes falará tudo o que Eu lhe ordenar.”ⁱ O sistema de sacrificio expressamente incluído no código mosaico era, em essência, um protótipo da morte sacrificada que sofreria o Salvador no Calvário.

O sangue das incontáveis vítimas do altar, mortas pelos sacerdotes de Israel nos rituais prescritos, realizados em todos os séculos desde Moisés até Cristo, como um dilúvio profético na semelhança do sangue do Filho de Deus, indicado para derramar seu sangue como sacrificio expiatório para a redenção da raça. Mas, como já mostrado, a

instituição do sacrificio com sangue, como exemplo da futura morte de Jesus Cristo, data desde o comêço da história humana; isto é, desde o oferecimento de sacrificios de animais através do derramamento de sangue requerido de Adão, a quem o significado da ordenança foi expressamente definido como “semelhança do sacrificio do Unigênito do Pai”.^j

O cordeiro pascal, morto por tôdas as famílias israelitas na festa da Páscoa comemorada anualmente, era um tipo particular do Cordeiro de Deus, que no devido tempo seria morto pelos pecados do mundo. A crucificação de Cristo foi efetuada na ocasião da Páscoa; e a consumação do supremo sacrificio, do qual os cordeiros pascais não eram senão um protótipo, levou Paulo, o apóstolo, a afirmar nos últimos tempos: “Porque Cristo, nossa páscoa, foi sacrificado por nós.”^k

Jó, no dia de sua extrema aflição, regozijou em seu testemunho da vinda do Messias e declarou com convicção profética: “. . . sei que meu Redentor vive e que por fim se levantará sôbre a terra.”^l Os cantos de Davi, o salmista, fazem alusão à vida terrena de Cristo. Muitas das circunstâncias são descritas com detalhes e são confirmadas nas escrituras do Nôvo Testamento.^m

Isaías, cujo cargo profético foi honrado pelo testemunho pessoal de Cristo e os apóstolos, manifestou em numerosas passagens sua convicção com referência ao grande evento da vinda do Salvador e seu ministério na terra. Impulsionado por revelação direta falou da maternidade divina da Virgem, dizendo que Emanuel nasceria e sua predição foi reiterada por um anjo do Senhor, após 7 séculos.ⁿ Olhando para os anos passados o profeta viu o cumprimento dos propósitos divinos como se já tivessem sido realizados e cantou triunfo: “Porque um menino nos nasceu, um filho se nos deu; e o principado está sôbre os seus ombros; e o seu nome será: Maravilhoso, Conselheiro, Deus forte, Pai da eternidade, Príncipe da paz. Do incremento dêste principado e da paz

d. Moisés 5:6-9. Nota 1.

e. Moisés 6:52; estude os parágrafos 50 e 56; veja também Gen. 5:18, 21-24; Judas 14. Nota 4.

f. Gen. 12:3; 18:18; 22:18; 26:4; 28:14; compare com Atos 3:25; Gal. 3:8.

g. Gen. 49:10.

h. Nota 2.

i. Deut. 18:15-19; compare com João 1:45; Atos 3:22; 7:37; veja também uma confirmação específica feita por nosso Salvador depois de Sua ressurreição, 3 Nefi 20:23.

j. Nota 1.

k. 1 Cor. 5:7. Para referência a Cristo como o Cordeiro de Deus, veja João 1:29,36; 1 Pedro 1:19; Apoc. caps. 5, 6, 7, 12, 13, 14, 15, 17, 19, 21, 22; também 1 Nefi 10:10 e caps. 11, 12, 13, 14; 2 Nefi 31:4, 5, 6; 33:14; Alma 7:14; Mórmon 9:2, 3; D&C 58:11; 132:19.

l. Jó 19:25; veja também versos 26-27.

m. Exemplos: Salmos 2:7; compare com Atos 13:33; Heb. 1:5; 5:5. Salmos 16:10; compare com Atos 13:34-37. Salmos 22:18; compare com Mat. 27:35; Marcos 15:24; Lucas 23:34; João 19:24. Salmos 41:9; compare com João 13:18. Salmos 69:9 e 21; compare com Mat. 27:34, 48; Marcos 15:23; João 19:29; e João 2:17. Salmos 110:1 e 4; compare Mat. 22:44; Marcos 12:25-37; Lucas 20:41-44; e Heb. 5:6. Salmos 118:22, 23; compare com Mat. 21:42; Marcos 12:10; Lucas 20:17; Atos 4:11; Efes. 2:20; 1 Pedro 2:4,7. Os seguintes são conhecidos como salmos messiânicos: 2, 31, 22, 45, 67, 69, 89, 96, 110, 132; nêles o salmista louva poeticamente as excelências do Messias e a certeza de Sua vinda.

o. Isa. 7:14; compare com Mat. 1:21-23.

não haverá fim, sôbre o trono de Davi e no seu reino, para o firmar e o fortificar em juízo e em justiça, desde agora para sempre; o zelo do Senhor dos exércitos fará isto.”^p

Imediatamente após o seu cumprimento, a promessa abençoada foi repetida por Gabriel, enviada da presença de Deus à escolhida Virgem de Nazaré.^q Como conhecido pelo profeta e por ele proclamado, a vinda do Senhor era o Ramo vivo que deveria florescer de uma raiz não mortal, tipificada na família de Jessé;^r a Pedra fundamental assegurando a estabilidade de Sião;^s o Pastor da Casa de Israel;^t a Luz do mundo,^u tanto para os gentios como para os judeus; o Líder e Comandante de Seu povo.^v A mesma voz inspirada predisse quem choraria na floresta: “...preparai o caminho do Senhor, endireitai no ermo vereda a nosso Deus.”^x

Foi permitido a Isaías ler os pergaminhos do futuro referentes a muitas condições distintas que fariam parte da vida humilde do Messias e Sua morte expiatória. N’Ele o Profeta viu Aquêlo que seria desprezado e rejeitado pelos homens, um Homem de Máguas, familiarizado com o pesar; Aquêlo que seria ferido e ofendido pelas transgressões da raça, em quem seria colocada tôda a nossa iniquidade — um Sacrifício paciente, silencioso na aflição, como uma ovelha levada à matança. A morte do Senhor com pecadores e Seu enterro no túmulo do rico foram declarados com certeza profética.^z

Jeremias ouviu a palavra do Senhor em termos simples, declarando com certeza o advento do Rei, por quem seria assegurada a salvação de Judá e Israel.^a O Príncipe da Casa de Davi, através de quem a promessa divina do filho de Jessé seria realizada.^b Com o mesmo espírito profetizou Ezequiel,^c Oséias^d e Miquéias^e. Zacarias interrompeu no meio da predição profética para cantar a canção alegre de gratidão e louvor pela visão do simples espetáculo da entrada triunfal do Rei na cidade de Davi.^f Então o profeta lamentou o pesar da nação de consciência angustiada, por quem, como previsto, o Salvador da humanidade seria ferido, mesmo até a morte;^g e

mostrou que, quando subjugado pela contrição Seu próprio povo perguntaria: “Que feridas são essas nas tuas mãos?” e o Senhor responderia: “São as teridas com que fui ferido em casa de meus amigos”.^h O preço exato a ser pago pela traição do Cristo, que o levou à morte foi predito como em parábola.ⁱ

O fato, que essas predições dos profetas do Velho Testamento tinham referências a Jesus Cristo e apenas a Ele, elimina qualquer dúvida com a confirmação do Senhor Ressurgido. Para os apóstolos que estavam reunidos, Ele falou: “São estas as palavras que vos disse estando ainda convosco: Que convinha que se cumprisse tudo o que de mim estava escrito na lei de Moisés, e nos profetas e nos Salmos. Assim está escrito e assim convinha que o Cristo padecesse e ao terceiro dia ressuscitasse dos mortos.”^j

João, o Batista, cujo ministério imediatamente precedeu o de Cristo, proclamou a vinda de *Um* mais poderoso do que ele, *Um* que batizaria com o Espírito Santo e especificamente identificou Jesus de Nazaré como Aquêlo *Um*, o Filho de Deus, o Cordeiro que tomaria para si o fardo dos pecados do mundo.^k

As predições citadas até agora, relacionadas à vida, ministério e morte do Senhor Jesus, são afirmações dos profetas que, com exceção de Adão e Enoque, viveram e morreram no hemisfério oriental. Todos, a não ser João Batista, são de registros do Velho Testamento, e ele, contemporâneo de Cristo na mortalidade, figura nos primeiros capítulos dos evangelhos. É importante saber que as escrituras do hemisfério ocidental são também explícitas na declaração da grande verdade que o Filho de Deus nasceria na carne. O Livro de Mórmon contém a história de uma colônia de israelitas, da tribo de José, que deixaram Jerusalém 600 A.C., durante o reinado de Zedequias, rei de Judá, na véspera da Judéia ser subjugada por Nabucodonozor e da inauguração do cativeiro da Babilônia. Esta colônia foi guiada por orientação divina ao continente americano, onde se desenvolveu e se tornou um povo poderoso; embora dividido por dissen-

p. Isa. 9:6, 7.

q. Lucas 1:26-33.

r. Isa. 11:1 e 10; compare com Rom. 15:12; Apoc. 5:5; 22:16; veja também Jer. 23:5, 6.

s. Isa. 28:16; compare Salmos 118:22; Mat. 21:42; Atos 4:11; Rom. 9:33; 10:11; Efes. 2:20; 1 Pedro 2:6-8.

t. Isa. 40:9-11; compare com João 10:11, 14; Heb. 13:20; 1 Pedro 2:25; 5:4; veja também Ezeq. 34:23.

u. Isa. 42:1; veja também 9:2; 49:6; 60:3; compare com Mat. 4:14-16; Lucas 2:32; Atos 13:47; 26:18; Efes. 5:8, 14.

v. Isa. 55:4; compare com João 18:37.

x. Isa. 40:3; compare com Mat. 3:3; Marcos 1:3; Lucas 3:4; João 1:23.

z. Isa. 53; estude o capítulo inteiro; compare com Atos 8:32-35.

a. Jer. 23:5,6; veja também 33:14-16.

b. Jer. 30:9.

c. Ezeq. 34:23; 37:24, 25.

d. Ose. 11:11; compare com Mat. 2:15.

e. Miq. 5:2; compare com Mat. 2:6; João 7:42.

f. Zac. 9:9; compare com Mat. 21:4-9.

g. Zac. 12:10; compare com João 19:37.

h. Zac. 13:6.

i. Zac. 11:12,13; compare com Mat. 26:15; 27:3-10.

j. Lucas 24:44, 46; veja também versos 25-27. 1:15, 26, 27, 29-36; veja também Atos 1:5,8; 11:16; 19:4.

ções, formou duas nações opostas conhecidas, respectivamente, por Nefitas e Lamanitas. Os primeiros cultivavam a arte de indústria e refinamento e guardavam um registro contendo a história e escrituras, enquanto que os últimos se degeneraram e se degradaram. Os nefitas foram extintos em 400 A.D., mas os lamanitas ainda vivem e estão espalhados pela terra, sendo conhecidos como índios americanos.^m

Os anais nefitas, desde o começo até o tempo do nascimento do Senhor, fazem predição e promessa do Cristo; e esta crônica é seguida por um registro da visita do Salvador Ressurreto aos nefitas, e o estabelecimento de Sua Igreja entre eles. A Lehi, o líder da colônia, o Senhor revelou o tempo, lugar e maneira do futuro advento do Cristo, junto com muitos fatos importantes de Seu ministério e o trabalho preparatório de João, o precursor. Esta revelação foi dada enquanto estavam no deserto da Arábia, antes de cruzarem as grandes águas. A profecia é, portanto, escrita por Nefi, um dos filhos de Lehi e seu sucessor na chamada profética: "Aproximadamente uns seiscentos anos depois de meu pai ter deixado Jerusalém, o Senhor enviaria um profeta entre os judeus, um Messias, ou, em outras palavras, um Salvador do mundo. Ele também falou, referindo-se aos profetas, do grande número deles que havia testemunhado estas coisas concernentes ao Messias do qual havia falado, ou desse Salvador do mundo. Porque a humanidade estava decaída e perdida, e assim continuaria se não confiasse nesse Redentor. E falou também sobre um profeta que viria antes do Messias, a fim de preparar o caminho do Senhor. Ele iria pelo deserto clamando: Preparai o caminho do Senhor e endireitai as suas veredas pois que há entre vós um que não conheceis e que é mais poderoso do que eu, e de quem eu não sou digno de desatar a correia dos sapatos. E muito falou meu pai a respeito destas coisas. E disse meu pai que ele batizaria em Betabara, do outro lado do Jordão, e também que batizaria com água; do mesmo modo que ele batizaria o Messias com água. E que, depois de haver batizado o Messias com água, O reconheceria e daria testemunho de haver batizado o Cordeiro de Deus, o Qual limparia o mundo de seus pecados. E aconteceu que, depois de meu pai haver dito isto, falou a meus irmãos sobre o evangelho que seria pregado entre os judeus e da incredulidade em que eles iriam viver. E depois que houvessem matado o Messias, que haveria de vir, Êste ressuscitaria aos gentios pelo Espírito Santo."ⁿ

Em época posterior escreveu, não como escriba de seu pai, mas como profeta e revelador transmitindo a palavra de Deus como a êle dita. Foi-lhe permitido ver em visão e declarar a seu povo as circunstâncias do nascimento do Messias, Seu batismo por João e a ministração do Espírito Santo com o sinal que acompanha; viu o Salvador se movimentando como um Mestre de retidão entre o povo, curando os aflitos e reprovando os espíritos do mal; êle viu e registrou as cenas do calvário; viu e predisse a chamada dos Doze, os apóstolos do Cordeiro, pois êstes foram designados por Êle, que concedeu a visão. Mais adiante fala da iniquidade dos judeus, que foram vistos em lutas com os apóstolos; e então conclui a profecia dizendo: "...E disse-me o anjo do Senhor: Assim serão destruídas tôdas as nações, famílias, línguas e povos, que combaterem os doze apóstolos do Cordeiro."^o Logo depois da apostasia foi estabelecida a distinção entre os nefitas e lamanitas, Jacó, o irmão de Nefi, continuou profetizando a certeza da vinda do Messias, especificamente declarando que Êle ministraria em Jerusalém e afirmando a necessidade de Sua morte expiatória como ordenada, para que fosse conseguida a redenção da humanidade.^p O profeta Abinadi, em sua denúncia destemerosa do pecado ao iníquo rei Noé, pregou sobre o Cristo que haveria de vir;^q e o digno Benjamim, que era profeta e rei, proclamou a mesma grande verdade a seu povo, mais ou menos em 125 A.C. Assim ensinou Alma^r em sua admoestação inspirada a seu filho Corianton; e assim também Amuleque^s em sua contenda com Zeezrom. Assim proclamou o profeta lamanita, Samuel, apenas cinco anos antes da ocorrência; e ainda especificou os sinais pelos quais o nascimento de Jesus na Judéia seria conhecido entre o povo do mundo ocidental. Disse: "Eis que vos dou um sinal; pois, daqui a cinco anos, eis que o Filho de Deus virá para remir a todos os que creram em Seu nome. E eis que êste é o aviso que vos dou, para que tenhais conhecimento do tempo da Sua vinda. Pois eis que aparecerão grandes luzes no céu, de tal modo que, na noite precedente à Sua vinda, não haverá escuridão e ela aparecerá aos homens como sendo sempre dia. Portanto, haverá um dia, uma noite e outro dia com claridade ininterrupta, como se de todo tempo fôsse dia e não houvesse noite; e isso aparecerá à guisa de sinal; pois vereis o nascer e o pôr do sol, portanto, sabereis com certeza que se terão passado dois dias e uma noite, muito embora não haja escuridão durante a noite. E essa noite precederá o Seu nascimento. E eis que uma nova estrela aparecerá, tal como outra

m. Nota 3.

n. 1 Nefi 10:4-11.

o. 1 Nefi 11 e 12; 19:10.

p. 2 Nefi 9:5,6; 10:3; 25:12-14; 26.

q. Leia Mosiah 13:33-35 e veja também a profecia de Abinadi em Mosiah 15:1-13.

r. Alma 39:15; 40:1-3.

s. Alma 11:31-44.

assim nunca tereis visto; e isso será também um sinal para vós. E eis que isso não é tudo, pois, aparecerão muitos sinais e prodígios no céu.”^t

Portanto, as escrituras de ambos os hemisférios e de tôdas as idades anteriores ao meridiano dos tempos prestam solene testemunho da certeza do advento do Messias; portanto, os santos profetas da antiguidade, na palavra de revelação, predisseram a vinda do Rei e Senhor do mundo, através de quem, e só d'Ele, é providenciada sal-

vação e redenção da morte. É característica dos profetas enviados por Deus que possuírem e proclamarem uma certeza pessoal do Cristo “porque o testemunho de Jesus é o espírito de profecia.”^u Nenhuma palavra de profecia inspirada com referência ao grande evento foi inutilizada. O cumprimento literal das predições é um grande atestado de sua origem na revelação divina e prova conclusiva da divindade daquele cuja vinda foi abundantemente predita.

t. Helamá 14:1-6; compare com 3 Nefi 1:4-21.

u. Apoc. 19:10.

NOTAS

1. *A antiguidade do sacrificio como protótipo da morte expiatória de Cristo* — Enquanto o registro bíblico expressamente atesta a oferta de sacrificio muito antes do êxodo de Israel para o Egito — i. e., por Abel e por Caim (Gen. 4:3,4); por Noê após o dilúvio (Gen. 8:20); por Abraão (Gen. 22:2, 13); por Jacó (Gen. 31:54; 46:1) — não comenta a origem divina do sacrificio como um requisito preparatório, prefigurando a morte expiatória de Jesus Cristo. A dificuldade de determinação de tempo e circunstância, sob a qual a oferta dos sacrificios simbólicos se originou entre a humanidade é reconhecida por todos os investigadores exceto aqueles que admitem a validade da revelação moderna. A necessidade de aceitar a instrução anterior de Deus ao homem nesse assunto, tem sido aceita por muitos estudantes da Bíblia. Portanto, o escritor do artigo “Sacrificio” no *Bible Dictionary* (Dicionário da Bíblia) de Cassell, diz: “A idéia de sacrificio é proeminente em tôdas as escrituras e uma das mais antigas e mundialmente conhecidas nos ritos religiosos. Há também uma semelhança marcante nos desenvolvimentos e aplicações da idéia. Nesta e outras citações tem sido criteriosamente inferido que o sacrificio era um elemento do culto do homem antigo; e que sua universalidade não é meramente um argumento indireto para unidade da raça humana, mas uma ilustração e confirmação das primeiras páginas inspiradas da história do mundo. A noção do sacrificio pode difficilmente ser vista como produto do ser humano abandonado e deve, portanto, ser entendida como uma fonte superior e vista como revelação divina ao homem primitivo.”

O *Dictionary of the Bible* (Dicionário da Bíblia) de Smith apresenta o seguinte: “Ao traçar a história do sacrificio desde o seu começo até seu perfeito desenvolvimento no ritual mosaico, imediatamente deparamos com uma dúvida quanto à origem do sacrificio, se surgiu de um instinto natural do homem, sancionado e orientado por Deus, ou se foi sujeito a alguma revelação particular anterior. Não pode haver dúvida que o sacrificio foi sancionado pela Lei de Deus, com uma referência típica e especial à expiação de Cristo; Sua prevalência universal, independente, em geral contrária à razão natural do homem em sua relação com Deus, prova-o como primitivo e profundamente enraizado nos instintos da humanidade. Se foi inicialmente praticado em virtude de um mandamento ou se baseado no sentido do pecado e perda da comunhão com Deus, colocado por Sua mão no coração do homem — é uma dúvida histórica, talvez insolúvel.”

A dificuldade se anula e a “dúvida histórica”, quanto à origem do sacrificio, é definitivamente resolvida pelas revelações de Deus na presente dispensação, onde partes dos registros de Moisés — não contidas na Bíblia — foram restauradas para o homem. A escritura citada no texto torna claro o fato que a oferta de sacrificio foi requerida de Adão depois de sua transgressão e que o significado do requisito divinamente estabelecido foi explicado em sua plenitude ao patriarca da raça. O derramamento do sangue de animais em sacrificio a Deus, como protótipo “do sacrificio do Unigênito do Pai”, data do tempo imediatamente seguinte à queda. Sua origem é baseada na revelação especifica a Adão. Veja P.G.V., Moisés 5:5-8.

2. *A profecia de Jacó a respeito de “Siló”* — A predição do patriarca Jacó — que o cetro não seria afastado de Judá antes da vinda de Siló — tem aumentado a disputa entre os estudantes da Bíblia. Alguns insistem que Siló é o nome de um lugar e não de uma pessoa. Que havia um lugar conhecido por êsse nome, não há dúvida (veja Jos. 18:1; 19:51; 21:2; 22:9; I Sam. 1:3; Jer. 7:12); mas o nome que aparece em Gen. 49:10 é de pessoa. Deve-se saber que o uso da palavra na tradução do Rei Tiago ou versão autorizada da Bíblia é considerada correta por muitas autoridades eminentes. Portanto, no *Commentary on the Holy Bible* (Comentário da Bíblia), de Dummelow, lemos: “Este verso foi sempre lembrado tanto pelos judeus como pelos cristãos como uma profecia marcante da vinda do Messias... Na citação dada acima, o verso inteiro prediz que Judá manteria a autoridade até o advento do digno legislador, o Messias, a quem todos os povos se uniriam. E ainda pode ser dito que os últimos traços do poder legislativo dos judeus (como citado no Sinedrim) não desaparecem até a vinda de Cristo e a destruição de Jerusalém, quando Seu reino foi estabelecido entre os homens.”

Adam Clark, em seu exaustivo *Bible Commentary* (Comentário da Bíblia), brevemente analisa as objeções levantadas contra a admissibilidade desta passagem como sendo referente ao advento do Messias; rejeita a tôdas, considerando-as sem fundamento. Sua conclusão com referência ao significado dessa passagem é: “Judá continuaria como uma tribo distinta até que viesse o Messias; e depois de Sua vinda seria confundida com outros povos, de forma que tôda a distinção existente ficaria perdida.”

O prof. Douglas, como citado no Dicionário de Smith, diz que “algo do cetro de Judá ainda per-

manece, mas que, sendo uma eclipse total, não prova que estamos no fim dos dias — que o adequado cumprimento da profecia não começou até o tempo de Davi e está consumado em Cristo, de acôrdo com Lucas 1:32,33.”

O significado aceito da palavra, por derivação, é “pacífico”, que é aplicável aos atributos de Cristo. Em Isaías 9:6 está designado como o Príncipe da Paz.

Eusébio, que viveu entre 260 e 339 A.C., e é conhecido na história eclesiástica como Bispo de Cesarea, escreveu: “No tempo em que Herodes era rei, o primeiro estrangeiro a reinar sôbre o povo judeu, a profecia registrada por Moisés foi cumprida, ‘O cetro não se arredará de Judá, nem o legislador dentre seus pés, até que venha Siló; e a êle se congregarão os povos.’ (A passagem citada encontra-se em Gen. 49:10.)

Alguns críticos asseguram que Jacó ao usar a palavra “Siló” não a empregava como um nome ou realmente um substantivo. O escritor do artigo “Siló”, no *Bible Dictionary*, de Cassell, diz: “Há mais evidência em favor da interpretação messiânica, mas as opiniões são muito divididas com referência à palavra “Siló” como um nome... Não obstante tôdas as objeções em contrário, somos da opinião que é considerada com acêrto como um nome próprio, e que a versão inglesa apresenta o verdadeiro sentido da passagem. Recomendamos que aquêles que desejam estudar êste assunto, que não pode ser discutido sem a crítica dos hebreus, leiam as notas excelentes sôbre Gen. 49:10 no “*Comentary on the Pentateuch*”, de Keil e Delitzsch. Aqui diz o texto: “O cetro não se arredará de Judá, nem o legislador dentre seus pés, até que venha Siló; e a êle se congregarão os povos.”

Não obstante, a pouca importância dada à interpretação Messiânica por alguns escritores, mesmo aquêles de quem pouco poderíamos esperar, vemos esta explicação confirmada e não enfraquecida nos eventos históricos. O texto não significa que Judá não deveria ficar sem um legislador próprio, mas que o poder real não cessaria em Judá até que viesse Siló. As objeções ao cativo da Babilônia e outras intermissões semelhantes, não têm praticamente nenhum valor, porque o que interessa, na realidade, é seu fim definitivo, o qual só aconteceu após a vinda de Cristo.” Como leitura adicional consulte *The Book of Prophecy*, de G. Smith, LL.D., p. 320 e também o *Compendium of the Doctrines of the Gospel*, de Franklin D. Richards e James A. Little, artigo “A Primeira Vinda de Cristo.”

3. *Os nefitas e os lamanitas* — Os antepassados nefitas foram guiados para fora de sua nação em 600 A.C., por Lehi, um profeta judeu da tribo de Manassé. Sua família imediata, no tempo de sua partida de Jerusalém, compreendia sua esposa, Sariah e seus filhos, Lamã, Lemuel, San e Nefi; num estágio posterior da história são mencionadas algumas filhas, mas se eram nascidas antes do êxodo da família não se sabe. Junto com sua família a colônia de Lehi incluía Zoram e Ismael, o último um israelita da tribo de Efraim. Ismael, com sua família, juntou-se com Lehi no deserto; e seus descendentes foram contados com a nação da qual estamos falando. O grupo viajou em direção a sudeste, mantendo-se à beira do Mar Vermelho; então, mudando seu curso em direção a leste, atravessaram a península da Arábia; e lá, nas praias do Mar da Arábia, construíram um barco e confiaram no cuidado divino ao se lançarem às águas. Sua viagem os levou em direção leste a atravessar o Oceano Indico, então

no Sul do Pacífico, em direção às costas ocidentais da América do Sul, onde desembarcaram (590 A.C.) ... O povo se estabeleceu na que para êles era a terra prometida; muitas crianças nasceram e no curso de poucas gerações uma posteridade numerosa tomou posse da terra. Depois da morte de Lehi, ocorreu uma divisão, alguns aceitando como seu líder a Nefi, que havia sido indicado para o cargo profético; enquanto o resto proclamava Lamã, o filho mais velho de Lehi, como seu chefe. Daí por diante o povo dividido foi conhecido como nefitas e lamanitas, respectivamente. Por certo tempo mantiveram relações relativamente amigáveis, mas geralmente discordavam; os lamanitas manifestando implacável rancor e hostilidade para com a linhagem nefita. Os nefitas avançaram nas artes de civilização, construíram grandes cidades e estabeleceram comunidades prósperas; ainda que sempre caíssem em transgressão; e o Senhor castigou-os, permitindo que seus inimigos saíssem vitoriosos. Eles se dispersaram ocupando a parte norte da América do Sul; então, atravessaram o istmo e se espalharam mais para as partes do sul, centro e leste do que agora se conhece como Estados Unidos da América. Os lamanitas, enquanto aumentavam em número foram amaldiçoados com escuridão; receberam uma pele escura e pobreza de espírito, esqueceram o Deus de seus pais, viveram uma vida nômade e se degeneraram no estado decaído em que os índios americanos — seus descendentes lineares — foram encontrados pelos que redescobriram o continente ocidental nos últimos tempos. Veja *Regras de Fé*, do mesmo autor.

4. *A primeira dispensação do evangelho* — O evangelho de Jesus Cristo foi revelada a Adão. A fé em Deus, o Pai Eterno, e em Seu Filho, o Salvador de Adão e toda sua descendência, arrependimento dos pecados, batismo por imersão e a redenção do Espírito Santo, como uma concessão divina foram proclamados no comêço da história humana como essenciais para a salvação. A escritura seguinte atesta êste fato. “E assim começou a ser pregado o Evangelho, desde o princípio, sendo declarado por anjos sagrados, enviados da presença de Deus, e pela Sua própria voz, e pelo poder do Espírito Santo.” (Moisés 5:58.) O profeta Enoque, portanto, testificou: “Mas Deus fêz saber a nossos pais que todos os homens devem arrepender-se. E por Sua própria voz chamou a Adão, nosso pai, dizendo: Eu sou Deus; fiz o mundo e os homens antes que existissem na carne. E também disse-lhe: Se tornares a Mim e escutares a Minha voz, e creres e te arrependeres de tôdas as tuas transgressões, e te batizares mesmo na água, em nome de Meu Filho Unigênito, que é cheio de graça e verdade, que é Jesus Cristo, o único nome que se dará debaixo do céu, mediante o qual virá a salvação aos filhos dos homens, receberás o dom do Espírito Santo, pedindo tôdas as coisas em Seu nome, e te será dado quanto pedires”. (Moisés 6:50-52; leia também 53-61.) “E eis que agora te digo: Este é o plano de salvação para todos os homens, através do sangue do Meu Unigênito, que virá no meridiano dos tempos”. (62) “E quando o Senhor falou com Adão, nosso pai, aconteceu que Adão chamou ao Senhor, e êle foi arrebatado pelo Espírito do Senhor e foi submergido na água e foi tirado da água. E assim êle foi batizado, e o Espírito de Deus desceu sôbre êle, e assim nasceu do Espírito, e foi vivificado no homem interior. E ouviu uma voz do céu que dizia: Foste batizado com fogo e com o Espírito Santo. Este é o testemunho do Pai e do Filho, desde agora e para sempre”. (64-66.) Compare também com Doutrina e Convênios 29:42.

JOSUÉ, MEU IRMÃO



por S. DILWORTH YOUNG *

Permiti que me apresente: Meu nome é Tiago. Eu tenho quatro irmãos. O mais velho é Josué, que está logo acima de mim. José, Simão e Judas são meus irmãos mais novos. Tenho ainda três irmãs.

Nós vivíamos muito simplesmente numa pequena vila denominada Nazaré. E precisá-

vamos viver simplesmente. Meu pai era operário. O ofício de carpinteiro era sempre o mesmo em nossa cidade. Nós fazíamos os móveis, na medida das necessidades dos habitantes, reparávamos os móveis estragados, construíamos casas e também estábulos e outros abrigos.

* Certas partes deste texto são evidentemente imaginárias. O autor empregou o nome hebraico

“Josué”, do qual “Jesus” é o equivalente grego. (Nota da tradutora.)

Quando éramos pequenos, nós nos assentávamos no topo de nossa casa, na fresca da tarde, e pedíamos a papai e mamãe que nos contassem histórias. Havia uma história que apreciávamos particularmente e era aquela que falava de como o anjo havia passado por cada casa em Mizraim** e havia poupado os primogênitos daqueles cujas casas estavam assinaladas com o sangue do cordeiro sacrificial. E nós adorávamos também aquela que contava como nosso povo havia sido nutrido pelo maná enquanto estava no deserto.

Eu sempre perguntava a mamãe: "É que era o maná?"

E ela dizia: "Não sei; sei apenas que lhes foi dito que não deviam recolher mais do que o suficiente para um dia, pois se guardassem mais ele se decomporia."

E a história que contava como as codornizes tornaram-se miraculosamente seu alimento, quando já estavam desesperados de fome. Essas histórias me recordavam os velhos costumes de nosso povo.

Mas nossa história preferida era aquela da época em que papai, mamãe e Josué foram viver em Mizraim, pouco após o nascimento de Josué; e de como, uma vez que não possuíam dinheiro, homens do Oriente os haviam visitado e dado de presente ouro, incenso e mirra, pelo nascimento de Josué. Ela contou que eles disseram haver seguido uma estrêla até a nossa porta.

Nós perguntávamos: "Josué nasceu mesmo num estábulo?"

E mamãe dizia: "Sim, mas quando êsses homens chegaram, nós havíamos deixado o estábulo por uma casa. Levou vários dias para encontrarmos hospedaria, mas vosso pai procurou muito e acabou por encontrar lugar."

"E houve mesmo uma estrêla?"

Mamãe dizia então: "Eu não a vi, mas os homens disseram que uma estrêla lhes mostrara o caminho e lhes indicara a casa onde nos poderia encontrar."

"Por que papai, mamãe e Josué foram a Mizraim?"

"Um anjo nos veio advertir", dizia meu pai, "a que partíssemos e não retornássemos enquanto ele não nos mandasse, e nós achamos que o devíamos obedecer. Felizmente aquêles homens nos haviam dado presentes, porque com o ouro compramos os asnos para ir a Mizraim — compramos até quatro — e com o dinheiro da venda do incenso e da mirra fomos vivendo em Mizraim até o momento em pudemos voltar para casa em segurança."

E como eu me emocionava quando mamãe contava que no caminho haviam sido surpreendidos por uma tempestade de areia que se elevava tão bruscamente que não haviam tido tempo de assentar sua pequena tenda. Depois foram en-

volvidos por um vento terrível e pelas trevas das ondas de areia. Eles continuaram a avançar penosamente e por felicidade foram parar em uma caravana que lhes deu abrigo em suas tendas firmemente armadas. Os chefes da caravana os haviam protegido e desde então seguiram com ela até Mizraim. Tais eram nossas histórias preferidas enquanto nos assentávamos no topo de nossa casa a contemplar as estrêlas.

Todos os dias nós aprendíamos nosso ofício. Papai era um chefe muito severo, exigindo que todos aprendessem muito bem — isto é, todos menos Josué. Ele ficava livre. E fazia longos passeios a sós. Por vêzes, quando ficamos mais velhos, ele partia por dois ou três dias; e mamãe fazia Sua vontade. Quando regressava, papai jamais o reprendia.

Eu o ouvia dizer: "Josué, Tua viagem foi fecunda?"

"Sim, papai."

"Encontraste o que buscavas?"

"Sim, encontrei o quádruplo", respondia ele.

Agora, quando me recordo, me é fácil ver o que queria dizer. E vejo que nosso amigo Mateus, que tanto escreveu sobre Sua vida, disse a verdade: "Ele cresceu com Seus irmãos, adquirindo força, e esperava que o Senhor Lhe designasse o momento em que iniciaria Seu ministério. Ele trabalhava sob as ordens de Seu pai. E não falava como os outros homens, nem se O podia ensinar; pois não carecia que O ensinassem." (1)

Foi naquele Dia, naquele dia em que mamãe nos preparara uma festa especial. Ela havia procurado um bom cordeiro e cozinhado com legumes, para preparar um prato delicioso. Quando tínhamos acabado de comer, Josué ergueu-se, abraçou Suas irmãs, saudou a papai e a todos nós, rendeu honras particularmente a mamãe e despediu-Se.

"O momento é chegado, mamãe. Eu Te sou reconhecido por seres Minha mãe — e a ti, papai, por haveres cuidado de Mim."

Mais tarde, perguntamos a mamãe porque Ele precisava partir e ela disse: "Ele vai para Seu trabalho. Deus, Seu Pai, O chama."

"Que trabalho?"

"Eu não te posso dizer. Eu também não estou bem certa. Apenas sei que Ele deve salvar o povo. Isto eu nunca te disse, mas agora deves saber que quando Ele nasceu um anjo ordenou a teu pai que o chamasse "Josué", "O Ungido". O anjo disse a teu pai que Ele era nascido para salvar o povo de seus pecados. Como Ele o fará, não sei; mas Ele agora nos deixa para fazer a Sua obra.

"Ele é profeta?"

Ela assentiu com a cabeça e disse: "É. Ele é profeta."

** Mizraim — denominação hebraica de Egito.

E eu nunca me esqueci disso.

Depois, Josué voltou. Trazia notícias de Seu trabalho nas vilas vizinhas: De como curara enfermidades e pregara um novo reino, um reino diferente daquele que conhecíamos. Nós não O compreendemos imediatamente, mas ficamos felizes de O rever. Muitos amigos nos visitaram e fizemos uma festa em Sua honra. O rabino convidou-O a ler no dia do Sábado. E nós fomos, papai, Josué, eu, José, Simão e Judas, sentando-nos sobre as pequenas banquetas da lateral da sinagoga reservada aos homens. Enquanto isso, o rabino convidava Josué a ler. Ele pediu ao rabino que Lhe dissesse o rôlo de Isaías e, ao Lhe ser êste levado, Ele o abriu e leu. Ainda recordo Suas palavras:

“O Espírito do Senhor Jeová está sobre mim, porque o Senhor me ungiu para pregar boas novas aos mansos: enviou-me a restaurar os contritos de coração, a proclamar a liberdade aos cativos, e a abertura de prisão aos presos; a apregoar o ano aceitável do Senhor...” (2) Ali estacou. Havia qualquer coisa em Suas maneiras que punha todos a escutá-LO atentamente. Meu pai curvou-se um pouco para a frente, retendo a respiração.

Pois “hoje se cumpriu esta escritura em vossos ouvidos.” (3)

O povo reunido deixou escapar uma exclamação de espanto. Eu me voltei para papai.

“Que diz Ele?”

Meu pai voltou-se e replicou: **“Não te esqueças disto, pois é verdadeiro. Ele diz que é a pessoa da qual falava Isaías.”**

“Ele é o Messias?”

“Sim, Ele é o Messias.”

Houve então acusações e alguém gritou: “Blasfêmia!”

Um outro bradou: “Se Tu és profeta, mostra-nos as obras que se diz que fizeste em Cafarnaum. A mim Tu me pareces Josué, filho do velho José.”

Josué replicou: “Nenhum profeta é bem recebido em sua pátria.”

Tôda a assistência parecia possuída de uma cólera intensa. Eles se levantaram para expulsá-LO, gritando que o iriam atirar do alto de um monte; mas Ele desceu, dirigiu-Se à porta e saiu, enquanto eles nem O pareciam ver.

Meu pai sorriu: “Não Lhe farão mal algum. Ele tem Sua obra a cumprir.”

Não há necessidade de eu lhes contar tudo o que Ele ensinou ou fez. Tudo isso já foi escrito, e bem escrito, por muitos dos meus amigos e conhecidos.

Não sinto senão uma coisa. Um desses que uniu-se a nós mais tarde, o Doutor Lucas, escreveu uma história de Sua vida para os gregos. Eu

queria que não tivessem traduzido o nome de meu irmão naquela língua. Não é necessário traduzir os nomes próprios, mas o Doutor Lucas o fez. **Por vêzes, quando vejo as pessoas falarem de Jesus Cristo, tenho que refletir alguns instantes antes de me dar conta de que está-se falando de meu irmão mais velho, Josué, O Ungido.**

Os escritos dizem muito das acusações, da morte... e de Sua ressurreição. Não foi senão depois que Maria tôda emocionada falou a Pedro e a João, e que eles foram ver o túmulo vazio, que começamos a compreender claramente o que Ele havia querido dizer tôdas as vêzes que falara que Se levantaria ao terceiro dia.

Algum tempo mais tarde, estávamos sentados no tópo de nossa velha casa de Nazaré. Pedro e os apóstolos haviam organizado a Igreja. Eu havia sido nomeado presidente do Ramo de Nazaré. Enquanto brilhavam as estrélas naquela noite, em tôda a glória de sua pura beleza, senti-me levado a perguntar:

“Mamãe. Josué era o Filho de Deus?”

“Sim, meu filho.”

“Mas José era seu pai.”

“Não, José não era seu pai. José era *teu* pai, mas não dêle.”

“Então, quem era seu pai?”

“Eu já te disse. Ele era o Filho de Deus.”
E prosseguiu:

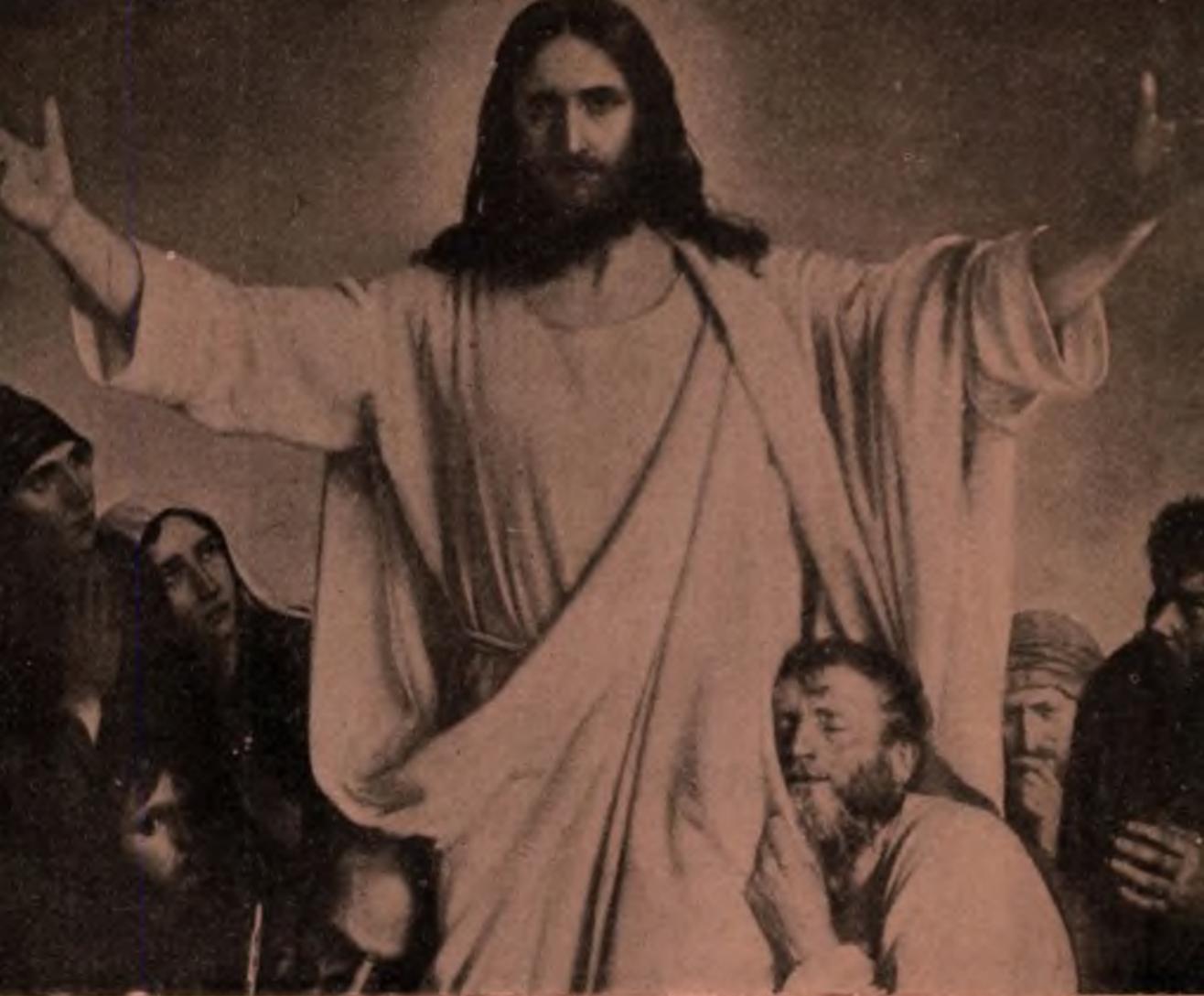
“Há muitos anos, recebi a visita de um anjo que me disse que conceberia um filho o qual seria chamado Josué, o Ungido, o Filho de Deus. Teu pai pretendeu romper nosso noivado quando ficou sabendo que eu esperava um filho. Essas coisas, meus filhos, nós as entesouramos em nosso coração no curso de todos êsses anos: A alegria de O criar, a fidelidade de Suas realizações, o embaraço de nossa alma enquanto Ele trabalhava por algo cujos meios não compreendíamos e ensinava a nova doutrina. Entrementes, nós aguardávamos, sabendo que a vontade de Deus seria cumprida: A angústia e o choque de Sua morte e a vista de Sua ressurreição gloriosa colocaram-se, finalmente, cada um em seu lugar de direito. Sabei sempre, meus filhos e minhas filhas, que Ele é o Filho de Deus, de uma maneira literal e cabal. Vossa mãe deu-Lhe Seu tabernáculo mortal. Vosso pai teve o privilégio de ser Seu pai adotivo.”

Eu vejo ainda minha mãe, na dignidade de sua velhice, com seus cabelos de prata, prestando testemunho de que *seu* Josué, Jesus Cristo para os gregos, era o Filho de Deus, o Redentor. **Como dissera Isaías: “. . . Admirável, Conselheiro, Deus poderoso, Pai eterno, Príncipe da paz.”** (4)

Ela nos dizia: “Não vos esqueçais jamais.”

(2) Is. 61:1,2.

(3) Ver Lucas 4:16-30.



A VIDA DE JESUS EM FOTOS

Durante os vinte séculos passados vários artistas têm procurado expressar sua concepção do Salvador e alguns dos mais importantes eventos de Seu ministério terreno, como descrevem os evangelhos.

Após meses de pesquisa os editores e diretores artísticos da Era, depois de examinar diversos trabalhos, decidiram publicar fotos dos quadros do grande pintor religioso dinamarquês, Carl Heinrich Bloch (1834-1890).

O Presidente Levi B. Thorup, da Missão Dinamarquesa incumbiu-se de conseguir permissão para que fôsem publicadas essas fotos, que se acham no Castelo de Fredricksborg, em Hillerod, Dinamarca.

Como pintor religioso, Bloch, que fez sua obra no período romântico da pintura, parece ter sido virtuoso. Sua fascinação pelo detalhe, sua habilidade no uso do claro-escuro, sua animação dramática e visão heróica e as qualidades estruturais perfeitas de sua pintura, combinadas muito bem com sua técnica no uso das cores vivas, dão um aspecto altamente realístico a seus quadros. Os edifícios, árvores, roupas, paredes, pedras, tudo dá uma acurada impressão da área ocupada pela Terra Santa.

A redação da "A Liahona" escolheu alguns dos quadros publicados na Era, com a esperança de que neste mês de Natal sirvam de inspiração a todos os *homens de boa vontade*...



“E levantando-se, Maria... foi apressada às montanhas, ... E entrou em casa de Zacarias, e saudou a Isabel.” (Lucas 1:39-40.)



"E deu à luz a seu filho primogênito, e envolveu-o em panos, e deixou-o numa mangedoura, porque não havia lugar para êles na estalagem." (Lucas 2:7.)





"...e todos os que o ouviam admiravam a sua inteligência e respostas." (Lucas 2:46-47.)

"E Jesus lhe disse: Vai, a tua fé te salvou." (Marcos 10:52.)



*"...Desejei muito comer convosco esta páscoa, antes que padeça; porque vos digo que já não beberei do fruto da vide, até que venha o reino de Deus."
(Lucas 22:15-16.)*



*"E havia um horto naquele lugar onde fôra crucificado, e no horto um sepulcro nôvo, em que ainda ninguém havia sido posto. Ali, pois, puseram a Jesus."
(João 19:41-42.)*

JUVENTUDE DA PROMESSA



MUDANÇAS

Mudança é a palavra chave geralmente usada para descrever nossos tempos e os grandes desafios que nossa geração tem de enfrentar.

Que tipo de mudanças?

Oportunidades de trabalho... aumentam em quantidade e em variedade. Há dezenas e dezenas de ocupações. Um manual recentemente publicado alistava aproximadamente 50 nomes de especializações científicas, os quais não eram conhecidos há poucos anos atrás, desde a astrobiodinâmica à zimocristalografia.

População... aumenta em número e em mobilidade. Quase vinte por cento da população civil muda de residência. Pequenas cidades se transformam de um momento para outro em grandes centros e os subúrbios progridem.

Transporte e comunicação... parece que o

mundo está encolhendo. Os constantes desenvolvimentos nesses campos permitem-nos conquistar todo o universo quase em nossa própria casa. Temos agora experiências que nos tempos passados nem sequer eram sonhadas. Muitos aspectos do entretenimento e do aprendizado estão agora brilhando se comparados com as possibilidades dos anos passados. Mesmo assim, com tôdas essas mudanças e aumento no número de escolhas a serem feitas, um fato maravilhoso merece especial atenção: os jovens membros da Igreja de Jesus Cristo dos Santos dos Últimos Dias que escolhem estudar, viver e servir e partilhar o evangelho, continuam a se desenvolver esplendidamente, a participar e contribuir, em importantes empreendimentos, ter melhores companhias, gozar de boas amizades e delicadeza, casar e viver com felicidade e alegria.



LIDERANÇA

Ao visualizarmos o futuro e pensarmos naqueles que serão responsáveis por sua liderança, sentimos um tanto de otimismo, ao lembrarmos dos seguintes fatores:

RAPAZES

- Há grande aumento no número de jovens que saem em missão e se dedicam ao trabalho missionário em geral.
- Nossos jovens estão realmente progredindo e batendo todos os recordes em atletismo, esportes e recreação.
- Os moços estão constantemente melhorando suas realizações escolares. Com mais cultura obterão mais conhecimento.
- O padrão de vida está melhorando, dando mais tempo para a dedicação intelectual e espiritual.
- Mais e mais jovens estão entendendo a importância de pensar e comportar-se bem. Estão se vestindo com mais cuidado, tornando-se mais práticos em sociabilidade, aperfeiçoando seu caráter.
- A igreja está crescendo rapidamente, não apenas no número de conversos, como também na influência e dedicação de seus membros. A porcentagem total de jovens que colabora nas atividades da Igreja tem aumentado consideravelmente.

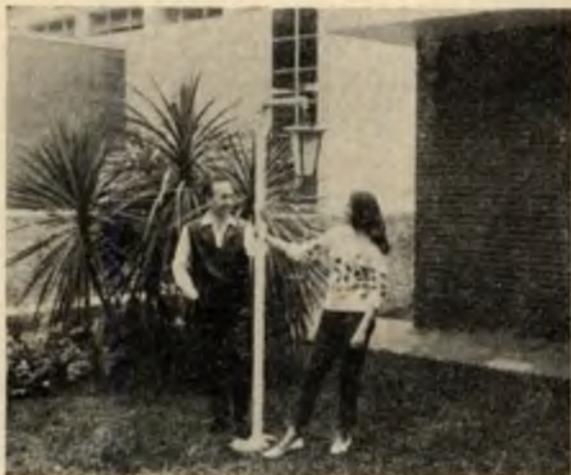
MOÇAS

- A moça, filha, irmã, jovem senhora, noiva, mãe, avó — toda a mulher — nasceu para ser especial e fazer sua vida peculiar.
- Vocês têm uma obrigação especial na vida — dar o máximo — desenvolver todos os talentos possíveis, estudando diligentemente, ganhando sabedoria e conhecimento.
- Vocês têm um papel especial na vida — serem eficientes, delicadas, prestimosas e sábias como esposas e mães — apoio na honra do sacerdócio de Deus.
- Vocês têm uma missão especial na vida — serem autênticas — serem santas dos últimos dias — serem felizes, poderosas, limpas, modestas, honestas e obedientes.
- Vocês têm um lugar especial na vida — são rainhas do reino de Deus.
- Vocês são especiais — vocês são vocês — jovens bonitas e amadas — jovens santas dos últimos dias, as mais importantes do mundo.

Os jovens que continuam a se esforçar para superar a si mesmos em todas as realizações — que estão dispostos a realizar mais e melhor que os do passado, embora contem com mais vantagens atualmente — esses são os jovens cujos sonhos de liderança na igreja, na comunidade e no país serão realizados.



A Aparência Também Fala



Quando *você está em foco*, sua aparência diz muito daquilo que *você é*. Quem não gosta de ser considerado especial?

Para apresentar-se como um jovem santo dos últimos dias exemplar, é preciso que seja lembrada a importância da aparência e desenvolvida a atitude adequada em relação a *você mesmo* e com referência à vida em si. Não pode ser esquecido que seu corpo é seu templo, sagrado à vista de Deus e que conseqüentemente deve ser sagrado para *você*. Logicamente, é necessário proceder de forma sábia, para evitar o ridículo ou qualquer aparência que empane sua dignidade como filho do Pai Celestial. Devem ser seguidas todas as regras de limpeza pessoal, boa saúde e alimentação.

Você escolhe suas roupas ao acaso ou tem cuidado ao decidir-se por este ou aquele conjunto?

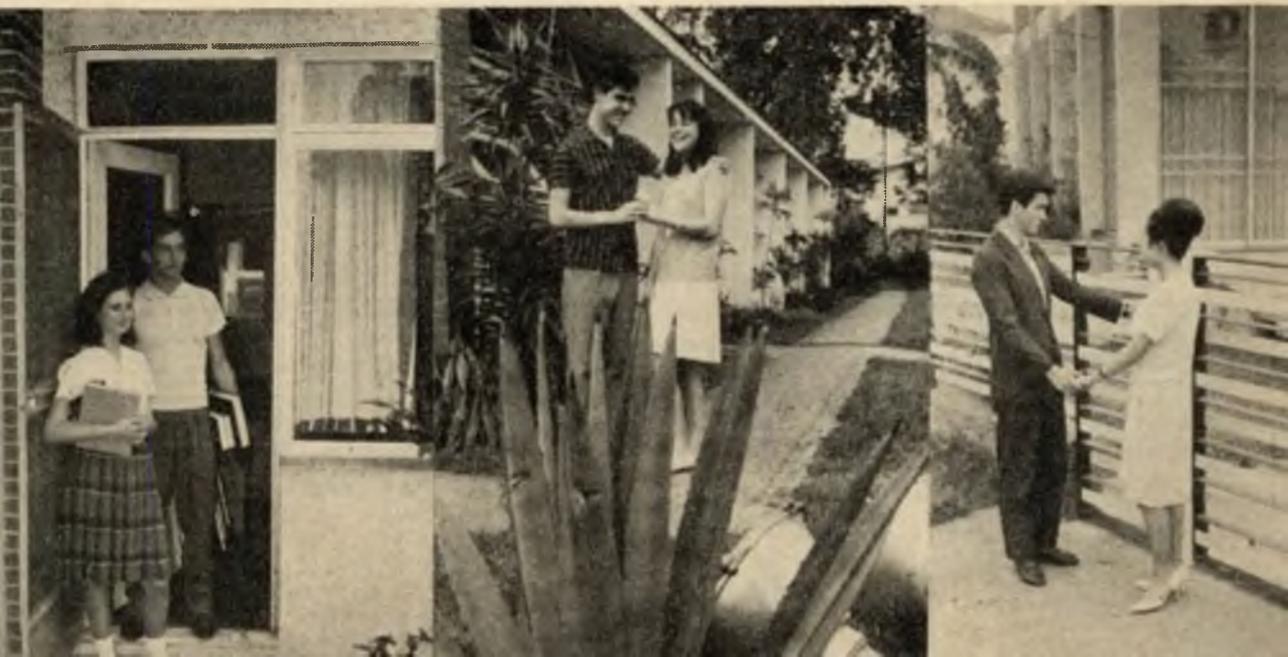
Os padrões da Igreja e a moda são perfeitamente compatíveis. Explore suas possibilidades estudando diversos figurinos, vitrinas e pessoas

que costumam vestir-se bem. Em breve *você se sentirá perfeitamente capaz de apenas com uma olhadela decidir o que lhe ficará melhor*. Não se esqueça de aprimorar o seu bom gosto. Um bom guarda-roupa não depende da quantidade e sim da habilidade de combinar.

Uma roupa não precisa ser colante do ombro até o pé. Sempre esse estilo de se vestir dá muito má aparência. Não se quer dizer que tudo deva ser largo demais, mas assentar bem, sem exageros.

Se a moda para as moças é saias na altura dos joelhos, isto não significa que o comprimento das roupas deva subir demasiadamente. Se a moda para os rapazes é calças um pouco justas, isto não significa que devam ser "costuradas" na pele. As roupas devem ser sóbrias e, principalmente, adequadas às ocasiões.

Não vamos aqui dar conselhos ou prescrever regras. Confiamos em sua capacidade de discernir e sabedoria para escolher o que lhe ficará melhor, não esquecendo seu status como membro da Igreja.



SACERDÓCIO NAS MISSÕES

JOVENS, VOCÊS SABEM COMO DEVEM ORAR?

Não havia qualquer aviso — apenas um som aborrecido de metais roçando, seguido de pequenas explosões vindas da pôpa. Todos os homens que estavam a bordo sentiram calafrios quando a voz do alto-falante ordenou que abandonassem o navio. A noite estava escura e tinha sereno quando Tom começou a descer. De repente, senti arrebrantar o cabo da escada de ferro, batendo-lhe na cabeça e jogando seu corpo inconsciente na água preta do mar.

Ao novamente ganhar a consciência, Ronaldo encontrou-se deitado num salva-vidas, para onde outro homem o tinha puxado da água. Vendo outros homens em desespero, desencostou um pouco para dar lugar aos outros. Reconheceu através dos gritos que enchiam o ar que sua embarcação havia colidido com um tanque de óleo, e podia vê-la afundando vagarosamente nas profundezas do pacífico.

O óleo cobria a água e havia fogo em todo o redor. A brisa do oceano avivava o fogo sobre a água à medida que o óleo ia se queimando, enchendo o ar com uma fumaça preta. Era difícil respirar e quando as chamas corriam em direção a Ronaldo ele fechou os seus olhos e orou. Então, abriu seus olhos para ver o fogo. Durante as próximas três horas, de vez em quando, fechava seus olhos, orando por proteção.

A oração tinha sido sempre importante em seu lar. Ele estava agradecido por seus pais e pelos instrutores do sacerdócio aarônico, os quais lhe ensinaram a orar. Nunca antes em sua vida a oração tinha sido tão importante. Mais tarde, ao deitar-se na padiola do navio de salvamento, sentiu em seu coração que tinha sido resguardado pelo poder da oração.

Todo jovem possuidor do sacerdócio deveria sentir que o hábito da oração é um sinal de força e maturidade. Então você, como Ronaldo, terá maior força para enfrentar as experiências da vida quando aprender as palavras adequadas para uma oração. A experiência de externar nosso íntimo através da oração é um processo que desenvolve o caráter, a alma e a virilidade. Ah! Como Satanás gostaria que você achasse a oração desnecessária!

Observe apenas por um momento as grandes bênçãos que o mundo tem recebido como resultado de orações. Foi em resposta a uma oração que o Pai e seu Filho Jesus Cristo apareceram ao Profeta Joseph Smith. Joseph estava interessado em saber qual, entre todas as igrejas, era a correta e a qual deveria se unir. Em resposta à sua súplica, recebeu visão divina e revelação.

Foi em resposta a uma oração que Moroni, ser ressurreto, apareceu a Joseph e instruiu-o a respeito do Livro de Mórmon.

Foi em resposta a uma oração que foi restaurado o Sacerdócio Aarônico. Joseph Smith e Oliver Cowdery estavam traduzindo o Livro de Mórmon. Ao encontrarem passagens sobre o batismo, retiraram-se para perto do Rio Susquehanna e se ajoelharam em oração para perguntar ao Senhor este assunto. Em resposta à sua oração, João, o Batista, apareceu-lhes e impôs as mãos sobre suas cabeças, conferindo-lhes o Sacerdócio Aarônico. Logo depois ordenou que também batizassem a todos os outros.

Foi em resposta a uma oração que o Salvador apareceu aos irmãos de Jared e tocou as pedras, fazendo com que houvesse luz em toda a longa viagem para o novo mundo. (Veja Éter 3.)

Muitos outros acontecimentos significativos resultaram de oração. Tennyson diz que “muito mais do que o mundo pode imaginar, é resultado de oração.”

Considere o fato de que Jesus Cristo era o Filho de Deus. Suas convicções eram decisivas; falava como “alguém que tinha autoridade”. E ainda não se considerava auto-suficiente. Passou muitas horas em oração, procurando fazer a vontade do Pai. Ele sabia que a força advinda do céu é poder, sabedoria e vitalidade, além das forças naturais e entendimento do homem.

Os grandes homens sabem que a fonte de sua grandeza deve vir de nosso Pai Celestial. As coisas que o homem precisa são: força, sabedoria, coragem, amor, vitalidade, entendimento e esses atributos devem ser procurados através de oração. Salomão orou para que tivesse entendimento para discernir entre o bem e o mal e o Senhor ficou agradecido que ele tenha procurado entendimento em vez de riqueza. Em resposta à sua oração, o Senhor deu a Salomão grande sabedoria: “E também até o que não pediste te dei, assim riquezas como glória; que não haja teu igual entre os reis, por todos os teus dias. E, se andares nos meus caminhos, guardando os meus estatutos, e os meus mandamentos, como andou Davi teu pai, também prolongarei os teus dias.” (I Reis 3:13-14.)

Como vimos, as realizações científicas do homem durante os últimos anos deixa dúvida ou interesse em saber se o Senhor pode ouvir nossas orações secretas? Você já se interessou em conhecer o processo que transmite fotografias a milhares de quilômetros? Você já pensou que com seu aparelho de televisão você pode ver um programa realizado em cidade bem distante? Que também através da televisão você pode assistir um jogo de futebol como se estivesse no campo sentado em posição estratégica?

Em virtude dessas maravilhosas invenções, o homem pode se comunicar com outros continentes sem fios ou outros mediadores feitos pelo homem. Hoje podemos mesmo nos comunicar com um astronauta que está sendo levado por um satélite artificial. Mesmo com todas essas realizações, o homem descobriu apenas uma pequena parte do vasto poder de conhecimento que possui Deus. Ao contemplarmos essas invenções miraculosas começamos a compreender alguns graus do poder de Deus e não parece impossível, mas natural “...porque vosso Pai sabe o que vos é necessário, antes de vós lho pedirdes.” (Mat. 6:8.)

Devemos entender os componentes básicos da oração. Os discípulos perguntaram a Jesus: “...Senhor, ensina-nos a orar, como também João ensinou a seus discípulos.” (Lucas 11:1.) O exemplo dado por Jesus sobre como orar é

significativo para nos ensinar os elementos essenciais da oração. Este exemplo, conhecido como a Oração do Senhor, não foi dado para se tornar estereotipado.

Aprendemos pelo exemplo de Jesus e pelas instruções das escrituras que nossas orações devem ser endereçadas a nosso Pai Celestial. É importante que entendamos a quem estamos orando. O próximo passo seria expressar gratidão: “...deveis render graças a Deus por todas as bênçãos com que sois abençoados.” (D&C 46:32.) E também, “Em todas as coisas renderás graças ao Senhor teu Deus.” (Ibid. 59:7.)

Devemos também pedir perdão por nossas transgressões — nenhum homem está isento de transgressão. “Se dissermos que não temos pecado enganamos a nós mesmos e não há verdade em nós.” As escrituras estão repletas de instruções pertencentes a nossa obrigação de não esquecer o próximo, como: “...amai a vossos inimigos”. (Mat. 5:44.) Este mandamento divino dá-nos a responsabilidade de orar por nosso próximo, pelos líderes da igreja e, particularmente, por todos aqueles que buscam retidão e aqueles que não conhecem o plano de salvação.

A próxima parte da oração seria a que se refere a nós mesmos: “...porque vosso Pai sabe o que vos é necessário, antes de vós lho pedirdes.” (Ibid. 6:8.) Ele deseja que supliquemos em oração sincera.

O final de nossa oração deve ser feito em nome de Jesus Cristo “Porque há um só Deus e um só mediador entre Deus e os homens, Jesus Cristo homem.” (I Tim. 2:5.) E ainda fomos instruídos que “...todas as coisas devem ser feitas em nome de Cristo...” (D&C 46:31.)

Para resumir os elementos da oração podemos dizer:

1. Dirija-se a “nosso Pai Celestial”.
2. Agradeça.
3. Peça perdão.
4. Ore por outros.
5. Ore para si mesmo.
6. Conclua em nome de Jesus Cristo.

Devemos aprender e praticar as palavras da oração, nunca nos dirigindo a nosso Pai Celestial na terceira pessoa, mas sempre na segunda. Quando oramos diante de um grupo devemos orar sempre na primeira pessoa do plural, porque o estamos representando. Se oramos com humildade e vivemos dia a dia de acordo com nossas orações, teremos grande força, coragem e testemunho. É requisito elementar para recebermos resposta de nossas orações que primeiro oremos e vivamos segundo nossas orações e que sejamos humildes e submissos ao Senhor.

“Sê humilde e o Senhor teu Deus te conduzirá pela mão e responderá as tuas orações.” (Ibid. 112:10.)



A voz de amor

por *STERLING W. SILL*

Durante a última semana da vida do Salvador o antagonismo de seus adversários tornou-se tão severo que Ele saiu de Jerusalém e foi para o norte para um lugar chamado Efraim, e lá instruiu os discípulos sobre a quem recairia toda a responsabilidade do ministério. (João 11:54).

Quando apareceu novamente em notícia, foi para começar sua marcha solene em direção a Jerusalém e a cruz. Disse a seus discípulos: "Eis que subiremos a Jerusalém e se cumprirá no Filho do homem tudo o que pelos profetas foi escrito; pois há de ser entregue às gentes, e escarnecido, injuriado e cuspido; e, havendo-o açoitado, o matarão; e ao terceiro dia ressuscitará". (Lucas 18:31-33).

Jesus chegou em Betania, pouco distante de Jerusalém na noite da sexta-feira, começo do sábado. Deveria passar a última semana de sua vida mortal na casa de seus bons amigos, Marta, Maria e Lázaro. Sobre este último sábado da vida do Salvador os escritores do evangelho colocaram um véu de silêncio. Na noite de sábado, depois de haver terminado o Dia do Senhor foi oferecida uma ceia para Jesus e os Doze. Este era um evento para nunca mais ser esquecido. Dentre seus tesouros Maria trouxe uma cruz de alabastro contendo um pouco de unguento. Pôs um pouco de seu aroma na cabeça e pés de seu Senhor, enxugando seus pés com seus cabelos. Quando Judas interferiu neste aparente desperdício, Jesus re-

trucou-o e disse: "Deixai-a, para o dia da minha sepultura guardou isto". (João 12:1-7.)

Na manhã de domingo, o primeiro dia da semana, Jesus com seus discípulos, iniciou sua caminhada até Jerusalém. Foi obtido um potro em que Jesus andou no meio de seus seguidores. Eles se uniram no caminho com outros grupos de viajantes que iam para a Cidade Santa para a Páscoa. Logo estava reunida uma grande multidão e as pessoas estavam jubilosas diante do espetáculo de Jesus guiando esta multidão em direção à cidade santa. Estenderam suas vestes e lançaram ramos de palmas e outras folhagens em seu caminho, portanto, entapetando todo o caminho por onde deveria passar o seu rei. As vozes da multidão soavam com grande harmonia, dizendo: "Bendito o rei que vem em nome do Senhor." (Lucas 19:38.) Mas diante de todo êste júbilo Jesus estava triste. Ao avistar a grande cidade onde estava a casa de Seu Pai chorou por causa da iniquidade do povo. (Lucas 19: 41-44.)

Quando passou pelo enorme portão e realmente entrou na capital, alguém perguntou-lhe quem era e a multidão gritou: "Êste é Jesus, o profeta de Nazaré da Galiléia." (Mat. 21:11.) Entrou no recinto do templo onde saudações o receberam. Mas isto não era um acidente nem uma peça sem significado, era o real advento do Rei em sua cidade real como os profetas predisseram (Zac. 9:9.) Veio montando um asno em sinal de paz, aclamado pelos gritos de hosana de tôdas as multidões.

Naquele dia da semana muitas coisas interessantes aconteceram no templo, repleto como estava pela multidão reunida pela Páscoa. Alguns gregos procuraram uma entrevista dizendo: "Queremos ver Jesus". (João 12:20-26.) Para êles Jesus testificava que a morte estava às portas. Ficaram surpresos e magoados com as palavras do Senhor. Jesus lamentou também, dizendo: "Agora a minha alma está perturbada." Então êle orou e disse: "Pai, glorifica o Teu nome. Então veio uma voz do céu que dizia: Já o tenho glorificado e outra vez a glorificarei." (João 12:27-28.) O povo que estava de pé ao lado ouviu a voz e deu várias interpretações. Alguns disseram que um anjo lhes tinha falado. Para aqueles que haviam ouvido Jesus disse: "Não veio esta voz por amor de mim, mas por amor de vós." (João 12:30.)

Na noite de domingo Jesus voltou a Betânia para se alojar com a família que êle muito amava. (Marcos 11:11.) Na segunda-feira, segundo dia da semana, Jesus e os Doze voltaram para Jerusalém e passaram a maior parte do dia ensinando no templo. Seu tempo era curto, tinha apenas quatro dias até ser pendurado no Calvário. Foi nesta última segunda-feira que êle limpou o templo daquêles que faziam mercado;

derrubou a mesa dos cambistas e as cadeiras dos que vendiam pombas. Disse: "Não está escrito — A minha casa será chamada... casa de oração? Mas vós a tendes feito covil de ladrões." (Marcos 11:17.)

Ao limpar o templo aumentou grandemente a ira dos líderes dos sacerdotes. Eles haviam anteriormente decretado a sua morte e repetiram os esforços para empreendê-la. E aqui êles estavam disputando sua autoridade exatamente na área em que clamavam suprema jurisdição.

Na noite de segunda-feira Jesus se retirou para Betânia novamente para se alojar. Na terça-feira foi novamente ao templo com os Doze e ensinou o povo pela última vez. Foi na terça-feira que o ministério público do Senhor chegou ao fim solene. Provavelmente na última tarde quando de seu afastamento final do templo. Os discursos, parábolas ou ordenanças adicionais seriam dirigidas apenas aos apóstolos, para preparação adicional.

Esta última caminhada de Jerusalém a Betânia levou-o a atravessar o Monte das Oliveiras. Êle descansou num lugar conveniente e descansou perto do cume, onde tinha uma visão da grande cidade e do magnífico templo, iluminado como deveria estar pelos raios do sol poente daquela eventual tarde de abril. Veio-lhe à lembrança em pleno esplendor, uma cena grata a todo coração judeu pelas lembranças sagradas dêste lugar. O templo era no local onde há dez séculos atrás Davi tinha sido ordenado por um anjo a construir um altar a Jeová. Aqui é que Salomão construiu seu magnífico templo, o qual havia sido queimado e destruído pelos invasores da Babilônia. Foi aqui que foi reconstruído por Zerubabel. Era aqui que estava erigido o templo de Herodes. Foi neste lugar que o próprio filho de Deus estêve e agora deixava suas sagradas côrtes para sempre. Ao descansar foram-lhe feitas algumas perguntas a respeito do futuro. Êle então predisse a destruição do grande templo, o destino de Jerusalém e o fim do mundo. Êle próprio predisse sua segunda vinda gloriosa. (Mat. 24.) Ao se maravilhar com a cena que se lhe apresentava fêz com grande eloquência sua memorável despedida de Jerusalém, dizendo: "Jerusalém, Jerusalém, que matas os profetas e apedrejas os que te são enviados, quantas vêzes quis eu ajuntar os teus filhos, como a galinha ajunta os seus pintos debaixo das asas, e tu não quisestes!" (Mat. 23:37-38.) Mas ontem enquanto limpava o templo chamou-o "minha casa" agora sua chance tinha sido perdida e êle pronunciou seu solene decreto, dizendo: "Eis que vossa casa vai ficar-vos deserta."

Continuando esta caminhada até Betânia, Jesus novamente lembrou aos Doze do que lhes esperava e especificou o tempo de sua traição e

a maneira de sua morte. Disse: “Bem sabeis que daqui a dois dias é a páscoa; e o Filho do homem será entregue para ser crucificado.” (Mat. 26:2.)

Enquanto os líderes sacerdotes estavam tentando tê-lo em suas mãos, Judas Iscariotes procurou uma audiência com eles e se ofereceu para trair o Senhor. Disse: “Que me quereis dar e eu vô-lo entregarei? E eles pesaram trinta moedas de prata” (Mat. 26:15) aproximadamente 1700 cruzeiros, embora tivesse muito mais valor naquele tempo. Na noite de quinta-feira Jesus sentou-se com os Doze para a Última Ceia. Disse: “Quero comer nesta páscoa convosco, antes que eu sofra.” Foi durante esta refeição que administrou o Sacramento e instituiu o lava pés. (João 13:4-10, Marcos 14:22.)

Depois que Judas tinha deixado a sala com sua mensagem de traição Jesus fez um discurso impressionante para os Doze, seguido de uma oração como só ele poderia fazer. (João 13:19-34, 17.) Então, cantaram um hino e Jesus com os Onze saíram pela noite. Atravessaram o barranco do Cedron e entraram no Jardim das Oliveiras a caminho do Monte das Oliveiras, conhecido como Getsêmane. (João 18:1.) Deixou oito apóstolos perto da entrada com a ordem: “Assentai-vos aqui enquanto eu oro.” Acompanhado por Pedro, Tiago e João foi um pouco adiante e logo começou a ter pavor, que até a ele chegava a surpreender, pois lemos que “começou a ter pavor e a se angustiar. Então disse aos três: A minha alma está cheia de tristeza até a morte; ficai aqui e velai comigo.” E indo um pouco mais adiante prostou-se sobre o seu rosto, orando e dizendo: Meu Pai, se é possível, passe de mim este cálice; todavia, não seja como eu quero, mas como tu queres.” (Mat. 26:39.)

Mais tarde, nesta agonia de sua alma voltou e encontrou seus mais fiéis seguidores dormindo. Rápidamente se levantaram os três apóstolos e viram o Senhor novamente se retirar e ouviram-no murmurar em agonia, dizendo: “Pai meu, se este cálice não pode passar de mim sem eu o beber, faça-se a tua vontade.” Lucas conta-nos que: “apareceu-lhe um anjo do céu que o confortava. E, posto em agonia, orava mais intensamente. E o seu suor tornou-se em grandes gotas de sangue, que corriam até o chão.” (Lucas 22:43-44.)

A agonia de Cristo no jardim é incompreensível pela mente finita, tanto quanto à intensidade como quanto à causa. Seu sofrimento não era resultado do medo da morte. A morte para ele era preliminar à ressurreição e uma volta triunfal ao Pai de quem havia vindo, mas carregou um fardo que nenhum outro homem poderia conceber. Não apenas uma dor física nem angústia mental era que o fazia sofrer, mas uma agonia

espiritual de sua alma, tal que apenas Deus era capaz de experimentar.

De alguma maneira, incompreensível para nós, o Salvador tomou sobre si o fardo dos pecados da humanidade de Adão até o fim do mundo.

Quando da última vez que Jesus voltou para os discípulos que haviam ficado de guarda, disse: “Dormi agora e repousai; eis que é chegada a hora e o Filho do homem será entregue nas mãos dos pecadores.” (Mat. 26:45.) Não havia agora motivo para continuarem de guarda; pois já se podia observar a tocha do inimigo à distância. Logo estariam próximos, com Judas na dianteira. Jesus rendeu-se voluntariamente. Vendo que qualquer resistência seria inútil, os onze voltaram-se e fugiram. Então teve início aquela noite longa e terrível de julgamento e sentença.

Pilatos finalmente rendeu-se às demandas clamorosas da multidão e deu ordem de morte por crucificação entre dois ladrões. Era nove horas da manhã de sexta-feira quando grandes pregos foram cruelmente fincados em suas mãos e pés, prendendo-o numa cruz e sobre sua cabeça foi colocado o título “Jesus de Nazaré, o rei dos judeus.” (Mat. 27:35-37.)

Ao meio dia a luz do sol se ofuscou e se espalhou escuridão por toda a terra. E esta escuridão continuou por um período de três horas. Então na nona hora ou cerca das três horas da tarde, uma voz alta, sobrepujando o mais alto grito de angústia pronunciado por sofrimento físico foi ouvido da cruz, dizendo: “Deus meu, Deus meu, porque me desamparastes?” Qual o homem que pode entender o significado deste clamor? Naquela hora tão amarga o Cristo que estava à morte, parecia sozinho. O Pai parecia ter abandonado o apoio de sua imediata presença, deixando ao Salvador dos homens a glória de vitória completa sobre as forças do pecado e da morte. Sua missão na carne tinha agora sido levada à consumação gloriosa e ele exclamou em santo triunfo: “Está consumado.” (João 19:30.) Então resignado e salvo, disse “Pai, nas tuas mãos entrego o meu espírito.” (Lucas 23:46.) Então curvou a cabeça e Jesus faleceu.

Sua morte foi acompanhada por outro fenômeno terrível. Houve um violento tremor de terra; as rochas das poderosas montanhas se desprenderam e alguns disseram: “Verdadeiramente este era o Filho de Deus.” (Mat. 27:54.)

Na tarde de sexta-feira, apenas sete dias depois de ter voltado de seu retiro temporário. No amanhecer se iniciaria o sábado. José de Arimatéia, um discípulo secreto de Cristo, rapidamente removeu o corpo da cruz e colocou-o em seu próprio túmulo e o ministério terreno de Jesus Cristo, o Salvador do mundo, estava realmente chegando ao seu fim.

Que Deus nos ajude para que seu sacrifício não seja em vão, oro em nome de Jesus. Amém.

VOCÊ E SEU PRESIDENTE DE RAMO

Suplemento da Lição para os Mestres Visitantes do Ramo

LIÇÃO N.º 1

Preparada como suplemento à mensagem dos mestres visitantes de janeiro de 1964

Em certa ocasião, na antiga Israel, Josué foi designado para guiar as forças em batalha contra Amaleque e seu povo. Esta batalha foi observada por Moisés, Aarão e Hur do topo de um monte das proximidades.

“E acontecia que quando Moisés levantava a sua mão, Israel prevalecia; mas quando abaixava a sua mão Amaleque perdia. Porém, as mãos de Moisés eram pesadas, por isso tomaram uma pedra e a puseram debaixo dele, para assentar-se sobre ela; e Aarão e Hur sustentaram as suas mãos, um dum lado e o outro da outra; assim ficaram as suas mãos firmes até que o sol se pôs.” (Êxodo 17:11-12.)

Josué e suas forças venceram a batalha, mas, nesse dia, foi dada uma grande lição a Israel. A necessidade de sustentar e apoiar a mão de seu líder foi demonstrada como essencial para que fosse obtido favor de Deus. Seria bom que cada um de nós aprendêssemos esta lição hoje. O Senhor em sua sabedoria designou que vários cargos da Igreja existissem para o aperfeiçoamento dos membros e a realização da obra do ministério. Entre todos estes cargos, há poucos que são mais significativos que o de presidente de ramo. Quando um homem é ordenado e escolhido para presidir um ramo, todas as pessoas que residem em sua área têm responsabilidade pessoal de apoiar a mão de seu líder, sustentar o seu ministério, se quiserem obter favor de Deus.

Qual a sua firmeza ao apoiar a mão de seu presidente de ramo? Você a sustenta apenas quando suas ações se conformam com seus desejos? Você blasfema e critica seu presidente de ramo quando as coisas parecem não ir bem? As coisas não iriam bem se cada membro fizesse a sua parte, ajudando a carregar seu quinhão do fardo? A crítica melhora a situação? A atitude adequada não deveria ser de mais operosidade e muito mais respeito?

Se você tivesse andado na terra durante o Meridiano dos Tempos, será que acharia adequada a escolha do pescador por Jesus Cristo? Você desprezaria o simples carpinteiro? A escolha de um coletor de tributos poderia ter parecido mais desejável? Faz qualquer diferença você ser um grau universitário e seu presidente de ramo ser um pintor ou encanador? Pode a sabedoria dos homens ser comparada com a sabedoria de Deus? Pode o orador fluente e eloqüente considerar seu status maior que o de Moisés com sua linguagem hesitante? Não foi isto que o Senhor nos admoestou quando disse: “Oh quão esperto é o plano do espírito mau! Quão frívolos, fracos e loucos são os homens! Quando são instruídos, pensam que são sábios e não ouvem os conselhos de Deus, pondo-os de lado, supondo que sabem bastante por si mesmos, mas sua sabedoria é loucura e não lhes traz proveito. E eles perecerão.

“Mas é bom ser instruído, quando se ouve os conselhos de Deus.” (II Nefi 9:28-29.)

A doutrina mais distinta da Igreja, na verdade, a base de toda a sua estrutura, é a revelação. O Senhor, por revelação, estabeleceu o presidente do ramo como o juiz em Israel. É o presidente do ramo que tem o mandato de cuidar das necessidades da Igreja. Junto com as responsabilidades nele investidas, como presidente do ramo, o Senhor deu-lhe um manto especial em sua ordenação. Com ele está o dom espiritual de discernimento, o dom de aconselhamento adequado e de organização de todos os negócios temporais da Igreja.

Este manto é vestido no presidente do ramo sem levar em consideração seu treinamento profissional. Portanto, tem dons espirituais especiais que não resultam da profissão e é obrigação de todos os membros da Igreja ser obedientes às ordens do Senhor e apoiar a mão de seu presidente de ramo.

**Devolva a
A LIAHONA**

Caixa Postal 862 — São Paulo, SP, Brasil
Não sendo reclamada dentro de 30 dias.

PORTE PAGO